

Cartas Sem Resposta

Rubem Braga

1932
RECEBO a carta de uma senhora evidentemente culta; uma carta de quem não deseja precisamente nada, a não ser contar sua insatisfação na vida. Quem escreve em jornal ou revista está habituado a esse tipo de correspondência; protegida pelo anonimato, uma pessoa que se sente solitária e triste vem entrecabrir sua alminha para o cronista, numa vaga ansia de compreensão e apoio.

As cartas desse tipo, a que naturalmente não posso dar nenhuma resposta útil, me fazem pensar no grande número de pessoas solitárias, aflitas, fechadas em sua própria vida por timidez, pudor ou orgulho. São mulheres que tiveram alguma experiência ruim com homem, e vivem a cultivar a lembrança de algum amor infeliz; ou, já sem amor, sentem apenas tédio e solidão. Algumas andam pelas beiras da neurose; outras conservam os nervos em ordem, mas sentem, com melancolia, que a vida está passando e elas estão ficando a margem. Mesmo o simples fato de escrever a um estranho, embora anonimamente, lhes parece uma grande ousadia, algo de pecaminoso, talvez ridículo, talvez censurável. Um tópico muito comum nesse gênero de cartas: «Já várias vezes pensei em lhe escrever, e outras vezes escrevi, mas rasguei a carta...»

O pior é que o resultado dessa «ousadia» é sempre o mesmo: nenhum. Que diabo poderá fazer

o cronista, que não é padre, nem médico, mas apenas um homem comum, de vida comumente também atrapalhada e triste, para ajudar alguém? Na melhor hipótese apenas algumas vagas palavras boas do gênero mais banal.

Vale a pena notar que nem sempre a missivista é solteira ou vive sôzinha; muitas vezes é casada; a solidão não é uma questão de companhia, e a solidão a dois ainda parece ser das mais desoladas. Em todo caso, que responder? Penso às vezes em aconselhar banhos de mar, passear na chuva ou andar de roda gigante; sempre é melhor do que dizer, em palavras finas, algo no fundo equivalente a «meta os peitos» ou «agüente a mão»; mas pode parecer que a gente está caçoando da tristeza dos outros.

Não tenho sequer uma filosofia da vida, ou, se tenho alguma, ela se resume no vago e banal, consólo, que é a idéia da morte. Confesso não ter religião, e sou feliz com isso; a idéia de viver outra vida depois desta, e ainda por cima ligada a esta por um sistema de prêmios e castigos me parece tediosa e cruel; prefiro pensar que a morte é apenas um grande sossêgo, e um perdão para todos: a solidão tão perfeita que não poderá sentir a si mesma. «Depois mais nada; acabou» — como no poema de Carlos Drummond de Andrade.

De tudo concluiremos uma coisa velha: que a vida é triste. O que, por mim, faço, e — vá lá! — posso aconselhar às minhas missivistas, é aceitar essas tristezas sem fazer nada para agravá-las; lutar sempre, e bravamente, por um pouco de beleza, de bondade, de alegria; e, mesmo sem acreditar em um outro mundo, ou talvez por isso, repetir com convicção, com fé — que Deus é grande!

M 476
{ DN 1.5.37
DN 1.10.67
{ RN 296
RN 621

O Dia SP 13.10.67
C. Povo-29.1.84

DN - 1.10.67

368